

TEOLOGIA DA CULTURA: RELAÇÕES DO PROTESTANTISMO COM CULTURA BRASILEIRA

Filipe Balieiro¹

Dr. Jorge Pinheiro²

RESUMO

Apresenta a Teologia da Cultura, à luz de Paul Tillich, onde se procura encontrar o lugar da religião nos mais diversos aspectos do espírito humano e conciliar Igreja e mundo secular. Expõe como se dá a formação religiosa dos brasileiros e suas características e praticas religiosas populares, explicando o sincretismo religioso brasileiro. Analisa a relação que existe entre protestantismo e a cultura brasileira, evidenciando como o protestantismo influenciou e ainda influencia diversas áreas da cultura brasileira e como a cultura brasileira, através da sua carga religiosa recebida ao longo dos anos, influencia o protestantismo.

Palavras-chave: Teologia da Cultura, Cultura, Protestantismo.

ABSTRACT

It shows the Theology of Culture in the light of Paul Tillich, which seeks to find the place of religion in various aspects of the human spirit and conciliate Church and the secular world. Exposes how the religious formation of Brazilian is made and their characteristics and popular religious practices, explaining the Brazilian religious syncretism. Analyzes the relationship between Protestantism and Brazilian culture, showing how Protestantism has influenced and still influences many areas of Brazilian culture and hoe Brazilian culture, through its religious background received over the years, influenced Protestantism.

Key words: Theology of Culture, Culture, Protestantism.

INTRODUÇÃO

A incompreensão da cultura brasileira por parte do protestantismo gera um desconforto dentro das igrejas brasileiras, com isso, existem líderes e membros de igrejas protestantes que não conseguem conciliar esse desconforto entre religião e cultura brasileira.

Partindo desse desconforto entre cultura brasileira e religião, essa pesquisa procura analisar se a relação entre cultura e o protestantismo brasileiro é possível ser pacífica, e se há contribuições de ambas as partes.

A Teologia da Cultura tem como objetivo a busca em encontrar um lugar apropriado para a religião numa sociedade. Essa busca é proposta por Paul Tillich quebrando o paradigma de mundo secular e igreja.

A relevância do estudo está em compreender, à luz da Teologia da Cultura de Paul Tillich, a formação religiosa brasileira, bem como seus comportamentos, práticas religiosas e refletir sobre a relação sociocultural brasileira com o protestantismo brasileiro. Defendendo que ambos contribuíram no processo de formação um do outro, tanto cultura brasileira como o protestantismo brasileiro, caminham juntos, influenciando e sendo influenciados.

O que é Teologia da Cultura

Tillich (2009, p.42) afirma: “a religião é um dos aspectos do espírito humano”, e para sustentar essa afirmação, Tillich convida a uma viagem pelos diversos pontos da vida espiritual humana a fim de encontrar um lugar para a religião.

Ora, a religião não encontrou seu espaço na moral, não encontrou seu espaço no conhecimento puro, também não encontrou espaço na arte e nem no campo dos sentimentos, onde, portanto, a religião encontraria espaço na vida espiritual humana? Segundo Tillich (2009, p.44): “A religião é a dimensão da profundidade em todas elas. É o aspecto dessa profundidade na totalidade do espírito humano”. Nesse sentido, para Tillich (2009, p.44), a profundidade significa a preocupação suprema (*ultimate concern*) que se manifesta em todas as funções criativas do espírito, que também se manifesta na moral em forma de seriedade que ela exige. Logo, segundo Tillich (2009, p.44), quem rejeita a religião em função da moral do espírito humano, rejeita a religião em nome da religião. Rejeitar a religião pela busca apaixonada pelo conhecimento da realidade suprema, nada mais é do que, rejeitar a religião em nome da

religião. Assim, sucessivamente, ocorre na arte como também no sentimento. Portanto: “a religião é a Substância, o fundamento e a profundidade da vida espiritual dos seres humanos. Esse é o aspecto religioso do espírito humano.”.

A partir do momento que se descobre a profundidade da religião na vida espiritual, essa descoberta: “dá-nos a experiência do sagrado, intangível, tremendamente inspirador, significado total e a fonte de coragem suprema. Eis aí a glória do que chamamos de religião” (TILLICH, 2009, p.45).

Existe uma tensão entre igreja e cultura, pois a igreja julga o mundo secular simplesmente pelo fato dela existir. Tillich (2009, p.82) afirma que a igreja: “julga o mundo pelo simples fato de existir. Mas ela é também o mundo e está sob o julgamento por meio do qual julga o mundo. Quando se exclui desse julgamento, perde o direito de julgar o mundo e passa a ser julgada por ele” e para essa falta de habilidade de se submeter ao julgamento desse mundo, afirma o autor no mesmo texto que “a maneira como trata a cultura depende de sua incapacidade de se submeter ao julgamento que ela mesmo pronuncia”, julgamento este que a própria igreja pronuncia.

O fato de igreja e o secular andarem juntos vai interferir em diversas áreas do cotidiano, por exemplo:

O desaparecimento da separação entre o sagrado e o secular, porque a religião significa o estado em que somos tomados pela preocupação suprema, não restrita a determinado âmbito. Esse estado refere-se a todos os momentos de nossa vida em qualquer espaço ou domínio. O universo é o santuário de Deus. Cada dia de trabalho é do Senhor, cada ceia é a ceia do Senhor, cada tarefa que fazemos é divina e cada alegria é alegria de Deus. A preocupação suprema está presente em todas as demais preocupações, consagrando-as. Essencialmente, não há separação entre sagrado e secular. Estão juntos (TILLICH, 2009, p.82-83).

Não somente nas atitudes cotidianas que se encontra a preocupação suprema da religião, mas também tal preocupação se faz presente na cultura, pois “religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião. Com isso evita-se o dualismo entre religião e cultura. Cada ato religioso, não apenas de religião organizada, mas também dos mais íntimos movimentos da alma, é formado culturalmente” (TILLICH, 2009, p.83).

Pelo fato da teologia estar mergulhada na cultura, Tillich (2009, p.90) afirma que: “a teologia deve utilizar o imenso e profundo material da análise existencial em todos os campos culturais, incluindo a psicologia terapêutica.

Não basta, porém, aceitá-los simplesmente. Precisa confrontá-los com a resposta implícita na mensagem cristã”. Isso significa dizer que não basta apenas aceitar todas as manifestações culturais sem antes confrontá-las com a mensagem bíblica. Fazendo isso a igreja exerce sua função que “consiste em dar respostas para si mesma e para os outros” (TILLICH, 2009, p.90).

Sendo assim, não há como negar que a religião faz parte da cultura e a cultura, por sua vez, não tem como se ausentar da religião.

A Religiosidade Brasileira

No Brasil a religião “aparece com a intrigante mistura de catolicismo com religiões afro-populares” (DaMATTa 1993, p.120). DaMatta (1993, p.113-144) afirma, a religião dominante é o Catolicismo Romano, mas a experiência religiosa brasileira é vasta porque ao Catolicismo Romano somam-se as denominações protestantes e varias religiões Ocidentais e Orientais, além das variedades brasileiras de cultos de possessão cuja tradição é uma constelação variada de valores e concepções. Quanto aos cultos de possessão, de um lado temos as chamadas religiões Afro-Brasileiras e do outro lado temos os Espíritas kardecistas.

Segundo DaMatta (1993, p.115), assim como os brasileiros tem pais, padrinhos e patrões, também têm entidades sobrenaturais que os protegem. Isso até pode parecer divergente segundo algumas tradições religiosas, mas para o brasileiro isso não importa. O que para um norte-americano calvinista, um inglês puritano ou um francês católico seria sinal de superstição, cinismo ou ignorância, para o brasileiro isso é um modo de ampliar as suas possibilidades de proteção. Sendo assim,

Essas experiências religiosas são todas complementares entre si, nunca mutuamente excludentes. O que uma delas fornece em excesso, a outra nega. E o que uma permite, a outra pode proibir. O que uma intelectualiza, a outra traduz num código de sensual devoção. Aqui também nós, brasileiros, buscamos o ambíguo e a relação entre esse mundo e o outro (DaMATTa, 1993, p.120).

Em meio a esse conjunto agregado de crenças e devoções sincréticas, para DaMatta (1993, p.116) a Igreja Católica Romana aparece para costurar e dar sentido a esse mundo de experiências humanas, sendo chamada para legitimar os eventos importantes da vida do brasileiro, como casamento, batizado, nascimento e morte. Nesses casos temos uma relação impessoal com

Deus, em que nesse espaço aberto, pela falta de intimidade com o sagrado, a Igreja Católica Romana legítima por meio de regras e cultos, esses momentos importantes.

Isso revela para DaMatta (1993, p.116) uma forma clara de comunicação íntima, direta e familiar entre os homens brasileiros e os deuses. Assim, em vez da religião oficial e erudita se opor a religião popular, a melhor forma é compreender que suas relações são complementares. Desse modo o oficial contém tudo o que pode legalizar a partir de fora. Mas, o popular vai conter todas as formas que lidam com as emoções em estado vivo, atuando por dentro. Num caso, há a religiosidade em que o culto exige uma comunicação disciplinada e educada. No outro caso, percebemos uma comunicação sensível, concreta e dramática. Nesse sentido, o autor enxerga a ambiguidade religiosa normal entre os brasileiros dizendo:

Se no Natal vamos sempre à Missa do Galo, no dia 31 de dezembro vamos todos à praia vestidos de branco, festejar o nosso orixá ou receber os bons fluídos da atmosfera de esperança que lá se forma. Somos todos mentirosos? Claro que não! Somos, isso sim, profundamente religiosos (DaMATTA, 1993, p.117).

O mundo real exige um comportamento coerente e exclusivo para determinados assuntos, como por exemplo: não se pode ter dois sexos, nem duas mulheres, nem duas cidadanias, nem dois partidos políticos ao mesmo tempo. Entretanto, no caminho para se chegar a Deus e na relação com o “outro mundo” utilizado pelos brasileiros não existe exclusividade religiosa, e para esse sincretismo religioso, DaMatta dá o seguinte exemplo:

Posso ser católico e umbandista, devoto de Ogum e de São Jorge. Posso juntar, somar, relacionar coisas que tradicional e oficialmente as autoridades apresentam como diferenciadas ao extremo. Tudo aqui se junta e se torna sincrético, revelando talvez que, no sobrenatural, nada é impossível (DaMATTA, 1993, p.117).

Finalmente, DaMatta (1993, p.118) afirma que o povo brasileiro acredita profundamente num outro mundo, onde tudo pode fazer sentido. Nesse outro mundo não haveria mais sofrimento, miséria e impessoalidades desumanas. Todos seriam tratados de forma igualitária segundo as leis universais, como a lei da generosidade e a do eterno retorno: quem dá recebe e quem faz algum mal recebe de volta esse mal. Todos teriam valor, porque o valor não seria dado na formalidade ou no sexo, mas através da fé e na sinceridade de cada

um e de todos. Para o brasileiro há diversos caminhos de se chegar até esse outro mundo e, “por detrás de todas as diferenças, sabemos que lá, nesse céu à brasileira, é possível uma relação perfeita de todos os espaços. Essa, pelo menos, é a esperança que se imprime nas formas mais populares de religiosidade” (DaMATTA, 1993, p.117).

Influências do Protestantismo na Cultura Brasileira

Para evidenciar a influência do Protestantismo na cultura brasileira destaca-se três ícones protestantes que influenciaram a cultura brasileira: Gilberto Freire, Nelson Rodrigues e Glauber Rocha.

1) Gilberto Freyre - (15 de março de 1900 – 18 de julho de 1987)

Gilberto Freyre foi sociólogo, antropólogo, historiador, escritor e pintor brasileiro, considerado um dos mais importantes sociólogos do século XX.

Escreveu o livro “Casa Grande & Senzala”, que destaca a importância da casa grande na formação sociocultural brasileira bem como a da senzala que complementaria a primeira. Tal obra evidencia a questão da formação da sociedade brasileira, tendo em vista a miscigenação que ocorreu principalmente entre: brancos, negros e índios.

Citando um artigo publicado no Jornal Diário de Pernambuco no dia 31/12/1972, a primeira coisa que Gilberto Freyre diz neste artigo é que ele teve uma influência protestante, ou seja, ele não passou na sua formação de jovem, de adolescente para juventude, sem essa presença do protestantismo na formação dele. Ele foi membro da Primeira Igreja Batista de Recife onde no artigo “A Resposta de Gilberto Freyre” de Mario Ribeiro Martins publicado na Revista Imagem Atual, Anápolis, em 01/08/1987, afirma que ele pregou as doutrinas do cristianismo na sua pureza evangélica. Ele ficou na Primeira Igreja Batista do Recife até ir para os Estados Unidos onde passou pelo Seminário Batista Teológico de *Forthworth*, no Texas. Depois ele foi para a Universidade Batista de *Baylor* onde, como evangélico protestante, tornou-se membro da *Seventh & James Baptist Church*.

2) Nelson Rodrigues - (23 de agosto de 1912 — 21 de dezembro de 1980)

Nelson Rodrigues foi um importante dramaturgo, jornalista e escritor brasileiro, tido como o mais influente dramaturgo do Brasil.

Quando se menciona a influência do protestantismo na cultura brasileira é necessário remover um preconceito. Qual é o preconceito? De que toda influência é positiva. A influência protestante em relação a Gilberto Freyre foi altamente positiva, mas em relação a Nelson Rodrigues não se pode afirmar o mesmo. Ele teve uma vida com episódios trágicos como o do assassinato de seu irmão, morto a tiros dentro da redação do jornal do pai dele. Assim, ele combina essa tragédia pessoal com uma leitura trágica dos evangelhos onde a Paixão de Cristo é a tragédia maior, o Deus crucificado. Isso já se vê em seus primeiros textos. Para evidenciar a influência protestante na vida de Nelson Rodrigues desde sua infância, Nunes escreve: “aos dez anos Nelson Rodrigues já escrevia a estória de uma adúltera (Madalena) assassinada pelo marido (Jesus) que, em seguida, ajoelhado e contrito, pede perdão à morta enquanto o amante (Satanás) foge na escuridão da noite. Redação que lhe deu o primeiro lugar na classe deixando boquiabertas sua professora e sua mãe e na qual já estão presentes os arquétipos evangélicos de seus futuros dramas” (NUNES, 2004).

3) Glauber Rocha - (14 de março de 1939 — 22 de agosto de 1981)

Glauber Rocha foi um cineasta brasileiro, ator e escritor. Produziu o melhor trabalho sobre escatologia no Brasil para o cinema com o filme intitulado “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1963, indicado no Festival de Cannes: Palma de Ouro). Só entende bem o filme quem conhece o Apocalipse. Se o Apocalipse tem um texto de imagens e ali está expressa toda virtualidade do bem e do mal, em “Deus e o Diabo na Terra do Sol” o método é o mesmo. É possível achar na literalidade do filme que cada personagem é uma figura virtual, e que Glauber Rocha está usando as imagens pra falar de alguma coisa maior relacionada ao próprio país, ao mundo e ao apocalipse. Esse cineasta viu o protestantismo como algo que deveria ser uma forma de confrontar o burguesismo. Glauber Rocha foi visto, dentro do cinema brasileiro, como um profeta do cinema novo. A influência protestante de Glauber Rocha veio da sua família: foi criado na religião da mãe, que era membro da Igreja Presbiteriana, através da ação missionária americana chamada Missão Brasil Central. Ele foi alfabetizado pela mãe e em 1947 vai para Salvador estudar no Colégio 2 de Julho, dirigido pela missão presbiteriana.

Influências da Cultura Brasileira no Protestantismo

Para evidenciar a influência da cultura brasileira no Protestantismo brasileiro cita-se Alencar (2005 p. 101-117)

Existe uma coisa essencial no fenômeno religioso que é a estrutura de mediação, toda religião traz de alguma forma, algo de mediação. A religião é uma mediação entre o pressuposto do divino e o ser humano, teoricamente nenhum ser humano tem acesso direto ao divino. Ele passa por oferendas, por fetiches, por tabus, por sacerdotes, etc. Existem diversos tipos de mediação: a mediação por meditação, por oferendas, jogando flores no mar, etc. Por exemplo: no panteão católico existe a figura de Santo Antônio para casamentos, Santo Expedito para causas impossíveis, ou seja, existe um deus, uma entidade para cada coisa. Esse panteão católico é paralelo ao panteão grego que tem o deus da bebida, o deus do alimento, o deus do amor, o deus da guerra. A ideia desse tipo de panteão não é nova, o panteão afro-brasileiro tem Exu que é a entidade da guerra, Oxalá que é criador do mundo, Ogum que abre caminhos, Yemanjá que é a entidade do amor. Os brasileiros se acostumaram com isso porque o catolicismo, culto afro e religião indígena formam a identidade da religiosidade brasileira. Nessas religiões está a base da identidade brasileira sincrética. Nós, brasileiros, nos acostumamos a sempre pensar em uma determinada entidade que de alguma forma resolve algum tipo de problema.

A tradição protestante diz que cada um tem acesso direto a Deus. Mas podemos perguntar a um protestante tradicional, seja ele presbiteriano, batista ou metodista, dizendo: se você não precisa de pastor para falar com Deus, por que você tem pastor na sua igreja? Teoricamente você não precisa de pastor. Porque se você tem acesso direto a Deus, lendo a Bíblia, recebendo a unção de Deus, pra que você precisa de pastor? Essa questão nos leva a outras como: batismo é só o pastor que pode fazer, santa ceia é só o pastor que pode fazer, casamento que para nós não é sacramento, só o pastor pode fazer. Uma influência fundamental do catolicismo no protestantismo brasileiro é a história do casamento, o que é o casamento na igreja? Se casamento tem que ser na igreja alguma coisa está errada porque ele não é sacramento. Entendemos isso como uma satisfação social que ficou como uma herança católica dentro do protestantismo. Outro exemplo a ser citado é que na Igreja Luterana, se o pastor não estiver presente, não pode haver celebração de culto.

Já no novo pentecostalismo a influência é mais acentuada, porque para você chegar até Deus é necessário que o missionário faça a oração ou, quem

sabe, o individuo só será curado se for por meio da toalhinha ungida do apóstolo. Se sairmos de uma estrutura teológica e pensarmos numa estrutura meramente instrumental, existe de um lado a entidade e do outro lado o fiel. Entre a entidade e o fiel tem um amuleto ou uma oferenda, um ebó. Qual é a função do ebó, do despacho? É que matando uma galinha, um frango preto, uma garrafa de cachaça, ou fazendo uma oferenda de flores para Yemanjá, essa oferenda tem o poder ou o axé de acionar a força do Orixá em benefício do ofertante. Pois então, a estrutura do fenômeno religioso é a mesma. No caso das igrejas do novo pentecostalismo, essas descobriram uma coisa muito interessante para substituir a oferenda, o dinheiro. O dinheiro tem essa força mágica de fazer com que o Orixá/Deus faça o que ofertante deseja.

Portanto, a cultura brasileira influenciou a estrutura teológica do universo protestante brasileiro. A estrutura teológica do universo protestante brasileiro é afro-católica.

Considerações Finais

A Teologia da Cultura visa ampliar o conceito de religião e compreender o paradigma de que existe uma separação entre mundo secular e igreja, e, carrega traços de atividades humanas, tanto moral, como de sentimentos, artes etc.

O brasileiro tem uma formação religiosa católica e de religiões vindas da África em que busca sempre uma forma de conciliar, agregar e nunca separar os deuses de sua religião. Por isso é chamado de sincrético.

A teologia protestante influencia a cultura brasileira não só através da academia, mas também através da formação familiar e três ícones da cultura brasileira se destacam: Gilberto Freyre, Nelson Rodrigues e Glauber Rocha que tiveram influencia protestante em suas famílias.

A cultura brasileira através da carga afro-católica que traz em si influencia de forma muito notável a pratica protestante e é fator importante na formação das raízes do protestantismo brasileiro.

Enquanto muitos líderes e membros de igrejas protestantes tentam se afastar da cultura brasileira isolando-se e alienando-se, essa pesquisa busca ampliar demonstrando que ambas andam juntas. Embora seja possível notar que nem todas as influências são positivas, fica evidenciado que a igreja pode abrir-se para ser influenciada pela cultura e influenciar a cultura com sua teologia.

Referências Bibliográficas

ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo Tupiniquim*. São Paulo : Arte Editorial, 2005

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro : Rocco, 1993.

FREYRE, Gilberto. *Depoimento de um ex-menino pregador*, in Diário de Pernambuco. Recife, 31 de dezembro de 1972.

MARTINS, Mário Ribeiro. A resposta de Gilberto Freyre. *Revista Imagem Atual*. Anápolis, Ago.1987.

NUNES, Élton de Oliveira. O Anjo Pornográfico: Religião e Prazer em Nelson Rodrigues. *Revista Caminhando*. Vol. 9, nº 1, São Paulo, 2004.

ROCHA, Glauber. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Glauber_Rocha > Acesso em: 22/05/2012.

TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. São Paulo : Fonte Editorial, 2009.

¹ Graduado em Teologia.

² Pós doutor em Ciências da Religião, pela Universidade Metodista de São Bernardo e pela Universidade Mackenzie, Mestre e Doutor em Ciências da religião. Graduado em Teologia. Professor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.